COMENTÁRIO

QUEM DEFINE E A QUEM IMPORTA DEFINIR O QUE É TEORIA DA HISTÓRIA?
Um comentário ao ensaio de João Ohara

MARIA DA GLÓRIA DE OLIVEIRA
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Seropédica | Rio de Janeiro | Brasil
mgloriaprof@gmail.com
orcid.org/0000-0002-6041-4649

Qualquer disciplina ou sistema gerado para a organização da realidade enfrenta o problema de ter que exceder o alcance de seu objeto de investigação.

(Lewis Gordon 2017, 117)

No ensaio "Nossa atitude agostiniana sobre teoria da história" (2026), João Ohara argumenta que é problemático afirmar que a área de teoria da história esteja consolidada no Brasil. Não obstante a produção prestigiosa e internacionalizada, a área teria crescido descontroladamente por "inchaço" quantitativo, sem uma definição estrita do seu escopo temático. Embora ofereça poucas pistas sobre o que, de modo definitivo, marcaria a consolidação de um campo de pesquisa, Ohara aponta para alguns elementos que evidenciariam o que, no caso da teoria da história, seria um intenso processo de inflação semântica do termo, acompanhado por "uma dispersão enorme de temas na qual parece muito difícil de encontrar alguma coesão", notadamente nos programas de curso e nos pontos de concurso para vagas docentes na área.

A percepção da "nebulosidade" em torno dos usos da rubrica teoria da história permite a Ohara traçar o paralelo com a célebre indagação agostiniana diante dos desafios envolvidos na reflexão em torno da experiência do tempo: bem sabemos o que ele é, mas quando nos perguntam, já não o sabemos. No caso da teoria da história, a "atitude agostiniana" traduziria, portanto, o manifesto desconforto de Ohara frente ao que ele detecta como "consequências profundas" de uma falta de identidade e coesão programáticas.

Como já demonstram os comentários de Valdei Lopes de Araujo e de Eduardo de Vasconcelos, o mérito da iniciativa de Ohara está em converter o que poderia ser um simples incômodo pontual em uma interpelação mais ampla ao debate, com a nomeação das faces mais evidentes do problema. Caberia ainda destacar, a respeito da sua recepção, o fato de o texto instigar reações abertas e imediatas a ponto de a Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia convocar a sua comunidade de pesquisadores para uma *live* em que a pauta para discussão será em torno da pergunta "o que é teoria da história?". Uma das justificativas para essa expressiva repercussão talvez esteja no próprio encaminhamento da reflexão de Ohara, que se estende do diagnóstico da falta de uma identidade programática da teoria da história para os seus efeitos no ensino, na pesquisa e no âmbito administrativo, dentro do que ele chama de "defasagem de rubricas da disciplina".

De imediato, assim como Valdei Araujo (2026), tendo a enxergar na "atitude agostiniana" um sintoma de inquietação produtiva e menos os efeitos nocivos da ampliação do espectro semântico da teoria da história, especialmente no tocante à diversidade das agendas, objetos de pesquisa e possibilidades de diálogos transdisciplinares abertos, o que se pode constatar nas publicações dos periódicos e eventos específicos da área. A propósito, para a detecção mais segura da "falta de pontos mínimos de acordo" sobre as fronteiras da teoria da história, seriam necessários e bem-vindos estudos que, por meio de levantamentos sistemáticos sobre as pesquisas, publicações e seus repertórios temáticos mais recorrentes (como, por exemplo, o problema das temporalidades), demonstrassem efetivamente os sinais de "nebulosidade" programática apontada por Ohara. Arriscaria afirmar que uma quantificação mais vigorosa de dados bibliométricos pode até mesmo fortalecer as suspeitas de que tal dispersão talvez seja mais disciplinada e menos disparatada do que ele nos dá a entender.

Não é razoável, ademais, considerar desprezíveis as peculiaridades da formação e dinâmicas da área no Brasil no século XX e XXI com o argumento de que uma compreensão histórica "de como chegamos até aqui" não nos ajude com o problema acerca "do que devemos fazer ou para onde devemos ir". Na história da formação da área no contexto brasileiro, é possível identificar alguns fatores condicionantes e outros tantos contingentes que, como bem nos advertiu Eduardo de Vasconcelos (2026) em seu comentário, explicam as atuais assimetrias regionais da pesquisa e ensino da teoria da história no Brasil, o que se constitui em uma variável que desloca os termos do que efetivamente está em jogo na discussão. Isso porque uma pergunta aparentemente inocente como "o que é, afinal, teoria da história?", menos do que uma definição de contornos nítidos, como anseia Ohara, delimita, antes de tudo, quem tem autoridade de respondê-la e quem fica à margem do debate.

Interseccionadas às iniquidades persistentes de territorialidade que circunscrevem os centros e suas margens, na compreensão das dinâmicas que demarcam as relações dentro do campo acadêmico, tornou-se insustentável certa postura usual de indiferença diante dos marcadores históricos de diferença como gênero, raça, etnia e sexualidade como vetores que, desde sempre, condicionaram diretamente a produção historiográfica, a divisão do trabalho intelectual e subáreas de pesquisa como a da teoria da história e a história da historiografia (Oliveira; Hansen 2023).

O ensaio de Ohara, orientado pelo anseio legítimo de contornos programáticos mais nítidos para a teoria da história, pode ser lido nas antípodas dos impasses reticentes da "atitude agostiniana". Se, de um lado, existe uma dispersão inconveniente e supostamente incompatível com os parâmetros de consolidação, isso não seria, por outro, o termômetro de uma revitalização peculiar da área que, acompanhada pelo reconhecimento de suas tensões e assimetrias persistentes, marcaria o movimento de abertura para problemas e questões que excedem as prescrições normativas dos referenciais canônicos de teoria da história? Nesse caso, a expansão difusa, o alargamento do escopo semântico e as interlocuções transdisciplinares não situariam a pesquisa e o ensino da teoria da história na contramão do que Lewis Gordon (2017) chamou de "decadência disciplinar"? Diferentemente das aporias agostinianas do tempo, essas talvez sejam interrogações cujas determinações estejam ao nosso alcance delimitar.

REFERÊNCIAS

DE ARAUJO, Valdei Lopes. Sobre as vantagens de ser agostiniano: uma breve resposta ao ensaio de João Ohara. *Revista de Teoria da História,* v. 29, n. 1, p. 1–3, 2026. Disponível em: https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/86926. Acesso em: 3 ago. 2026. Texto inicialmente publicado pelo autor em: https://www.academia.edu/s/0e8af75a15. Acesso em: 23 jul. 2026.

GORDON, Lewis. Decadência disciplinar e a de(s)colonização do conhecimento. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu/PR, v. 1, n. 1, p. 110–126, 2017.

OHARA, João. Nossa Atitude Agostiniana sobre Teoria da História. *Revista de Teoria da História,* v. 29, n. 1, p. 1–12, 2026. DOI: 10.5216/rth.v29.85992. Disponível em: https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/85992. Acesso em: 23 jul. 2026.

OLIVEIRA, Maria da Glória; HANSEN, Patrícia Santos. Corpos, tempos, lugares das historiografias. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1 – 15, 2023. DOI: 10.15848/hh.v16i41.2084. Disponível em: https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/2084. Acesso em: 3 ago. 2026.

VASCONCELOS, Eduardo Henrique Barbosa de. Podemos pensar a Teoria sem as condições de produção? Comentários a João Ohara e Valdei Araújo. *Revista de Teoria da História,* v. 29, n. 1, p. 1 – 5, 2026. Disponível em: https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/87051. Acesso em: 6 ago. 2026.

QUEM DEFINE E A QUEM IMPORTA DEFINIR
O QUE É TEORIA DA HISTÓRIA?
Um comentário ao ensaio de João Ohara
Comentário recebido em 07/08/26 • Aceito em 08/08/26
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892

Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado